



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

TECNOLOGIA SOCIAL NA PERIFERIA COMO ENFRENTAMENTO À DESIGUALDADE E À CRISE CLIMÁTICA¹

Laís Tiemi Saito

Universidade Estadual Paulista, Núcleo de Estudos e Observações em Economia Criativa
(NeoCriativa)

RESUMO

A pesquisa abrange as tecnologias sociais adotadas por pessoas atuantes em rede com foco em atenuar altas temperaturas climáticas, promover educação ambiental e articular ações para pensar e aplicar soluções sustentáveis e disruptivas. A revisão bibliográfica, netnografia e entrevista, foram realizadas para a compreensão do contexto colonial na formação das favelas e comunidades urbanas, a sociologia entre aspectos da distinção social e a apropriação das tecnologias na reinvenção humana. A internet possibilita descobrir iniciativas socioambientais nas periferias e a entrevista promove o compartilhamento de conhecimentos de práticas alinhadas às investigações científicas para criar alternativas ecológicas e soluções benéficas para a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Tecnologia social; Periferia; Telhado verde; Crise climática; Comunicação.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa é sobre o uso de tecnologias sociais por pessoas e movimentos periféricos que se articulam com propósito de impacto positivo nas favelas e comunidades urbanas (IBGE, 2024), adotando formas locais e digitais para viabilizar ideias e propagar propostas. Respostas às crises climáticas são apontadas como o caso do morador na favela no Rio de Janeiro e sua conexão em rede com visão sustentável, alcance midiático e educação ambiental.

¹ Trabalho apresentado no GT5 – Ações Comunicacionais Comunitárias Protagonizadas por População Sub-representadas como Alternativas às Crises Climáticas da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

O objetivo é na busca de compreender caminhos que levaram à consolidação da desigualdade nos territórios e as formas de resistência da população para enfrentar as condições precarizadas, identificando mecanismos tangíveis e intangíveis adotados para subverter suas realidades cotidianas.

Como problemática é apontada a estruturação do racismo e seus desdobramentos, como o racismo ambiental (Filgueira, 2021) que prejudica as pessoas vulnerabilizadas devido a localidade de suas moradias sujeitas à riscos vinculados à crise climática, como altas temperaturas, enchentes, inundações ou mesmo à precária infraestrutura da falta de saneamento básico.

O ativismo torna-se fundamental para evidenciar os problemas da subcidadania (Souza, 2018) ausências e violências, de forma que a comunicação seja a ferramenta para articular e anunciar ideias, aproximar agentes, resgatar saberes, descobrir conhecimentos e técnicas solucionadoras de questões urgentes e assim, prototipar respostas para ganhar escala midiática por meio do diálogo, articulação coletiva e organizada em curto, médio e longo prazo. As consequências e resultados observados e esperados são a diminuição da temperatura dentro das casas, aumento do olhar midiático para tecnologias criadas na e para a favela e comunidades urbanas, no sentido de melhorar a qualidade de vida da população local.

2 METODOLOGIA

A revisão bibliográfica, netnografia e entrevista foram as metodologias principais focadas em compreender, acompanhar e escutar o ator social e a rede promovida no entorno da sua causa defendida sobre a instalação de telhados verdes em barracos, casas, escolas e empreendimentos, somada à análise a partir da triangulação de dados sobre conceitos, informações online e saberes compartilhados na fala.

A bibliografia inclui o colonialismo, urbanismo, tecnologias sociais, comunicação comunitária e política pública (Brasil, 1988). Durante a netnografia, acompanhou-se o grupo no Facebook², mídias sobre o projeto e a Rede de Favela Sustentável³. A entrevista tratou sobre ações socioculturais, articulação, redes e protocolos éticos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Fanon (1965) trata do período colonial e as violências modulando a subjetividade da população negra brasileira, sujeita à brutalidade do estado de exceção e necropolítica (Mbembe, 2018). Souza (2018) contribui sobre distinção e reconhecimento social sustentando o racismo e a subcidadania. Santos (2018) conecta a geografia acerca do território e a globalização no meio técnico-

² Teto verde favela (Green Roof) no Facebook, disponível em: www.facebook.com/groups/382162778551453. Acesso em: 02 ago. 2023.

³ Rede Favela Sustentável. Disponível em: www.favelasustentavel.org. Acesso em: 20 out. 2024.

científico-informacional, englobando sistemas de objetos e de ações, como se manifestam, como é imaginado e como poderia ser.

No urbanismo, Rolnik (2015) interliga os impasses da moradia e do direito à cidade analisando a falta da posse sobre propriedade nas áreas marginalizadas que foram ocupadas, aos formatos de financeirização perante o mercado imobiliário, ao mesmo tempo que aponta possibilidades de políticas adotadas em algumas cidades brasileiras e ao redor do mundo para mostrar como a desigualdade no território pode ser amenizada ao exemplificar Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) aplicadas em planos diretores. Nesse contexto, o racismo ambiental aparece como termo relevante para exemplificar uma categoria científica que compreende a ocupação do solo ser determinada pela cor da pele, ou seja, que se dá em uma espacialidade corpórea e territorial (Filgueira, 2021).

Para conectar o espaço aos aparelhos tecnológicos e às interferências dessas mediações provocadas no manuseio de indivíduos e sociedade, Nemer (2021) estuda como a população oprimida se apropria das tecnologias para reinventar novas possibilidades no sentido da liberdade, ao mesmo tempo que o ciberespaço também pode ser um ambiente opressor, como é demonstrado o domínio de grandes corporações da tecnologia que monopolizam plataformas e mercantilizam dados de usuários (Faustino; Lippold, 2023).

Lopes (2003) ensina sobre a pesquisa em comunicação percorrer as fases adotadas como o alinhamento epistemológico, análise teórica, técnicas incorporando as entrevistas e análise dos dados para as conclusões finais. A netnografia permite adotar o uso da internet como busca crítica de fontes, sistematização de dados e aproveitamento de *softwares* para criação de mapas conceituais para integrar conceitos e práticas informadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A participação cidadã crítica protagoniza soluções onde tem necessidades urgentes como base possível para formulação de políticas públicas que propaguem sua escala usando ação local, mobilização comunitária, plataformas digitais e ética com respeito à cultura local. Perversidades são identificadas nas condições de moradia com naturalização da pobreza aliada às violências cotidianas, enquanto telhados verdes são paliativos importantes e movimentos sociais dão respostas fundamentais para criar inovações e perspectivas de visibilidade, influência política e melhora na qualidade de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado reforço para questões voltadas sobre educação midiática e ambiental como propostas fundamentais no contexto de crises e colapso climático, o diálogo é essencial para mudanças

estruturais dependendo do envolvimento com representantes públicos, educadores, mídias e atores sociais.

Por isso é preciso valorizar a visão crítica e a criatividade em vínculo de entender as técnicas potencializadoras da comunicação e as formas de exercício da cidadania, participação social, articulação comunitária para subverter as condições atuais de desigualdade, pobreza, miséria e racismo ambiental.

Referências

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 12/11/2022.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Lisboa: Editora Ulisseia, 1965.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter., Faustino. Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana.. São Paulo: Boitempo, 2023.

FILGUEIRA, André Luiz de Souza. Racismo ambiental, cidadania e biopolítica: considerações gerais em torno de espacialidades racializadas. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 186-201, ago. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/atelie>. Acesso em 25 fev. 2025.

IBGE. Favelas e comunidades urbanas. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102062.pdf>. Acesso em: 21/05/2024.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Pesquisa em comunicação. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NEMER, David. Tecnologia do Oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil. Vitória: Editora Milfontes, 2021.

PASSONI, Irma Rosseto. Conhecimento e cidadania: tecnologia social e desenvolvimento participativo. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 2007.

ROLNIK, Raquel. Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

SANTOS, Milton. Por uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal. 28ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2018.

SOUZA, Jessé. Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.